

O Patológico apresenta o seu

Spasmo!

Número 8 - Edição de Agosto de 1998

Edição de Ouro
Porque livre pensar é só pensar

Crítica:
O Direito à
Intoxicação

Falácias

Crônica: Fast Food

Dicas: Cinema, Vídeo, Livro, CDs ..

Editorial

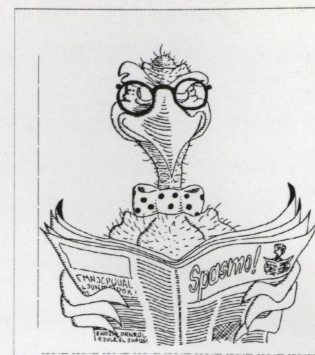
Saudações caros amigos da Med!

Esta é a nossa Edição de Ouro do Spasmo!, publicação de Agosto de 98. Ela é de ouro por 3 motivos. Primeiro devido às grandes conquistas que o nosso Patológico tem alcançado nestes últimos números. Do simples xerox de Abril, passamos a uma gráfica e agora estamos apresentando um jornal completamente inovado, com estilo muito mais agradável e ousado. O Spasmo! agora tem capa colorida, e a editoração deu a ele realmente o que deveria desde o começo: cara de revista! Temos mesmo um fanzine d'O Patológico! Como disse o Michel, XXXII, se é que você não teve que se abaixar prá pegar seu Spasmo! para estar lendo este editorial agora, "Cuidado, ele vai até cair quando você pegar O Patológico...". Aliás, este é mais um motivo para ele ser de ouro: é dedicado ao mesmo Michel, criador deste fanzine e que merece mais que ninguém uma medalha de ouro pela brilhante criação, cheia de luta e de total responsabilidade de sua coragem! Valeu, Michel! Este Spasmo! é seu! E finalmente, devido a este ano ser especial por comemorar 35 anos de Centro Acadêmico Adolfo Lutz - O Melhor CAAL do Mundo! Num ano em que tantas coisas - ou nada... - estão para ser redefinidas nesta nossa Ilha Tropical, como definiria Caetano Veloso, tantos cargos políticos serão renovados, a TV chega a um limite de liberdade-permissividade, Bill Clinton, o homem mais poderoso do mundo vira manchete devido a suas peripécias na Casa Branca (nos quartos, melhor localizando), o Viagra aparece para levantar a moral do Bráulio e o Século XXI fica cada vez mais próximo, chegamos dia-a-dia ao futuro previsto por Andy Wharol - todos nós teremos nosso momento de astros! E é por isso, que temos que estar sempre preparados; porque este momento pode ser semana que vem, ou daqui a meia hora - vale a pena arriscar. Eis o Novo Spasmo! Ele é de vocês, leitores, ele é seu, Med UNICAMP.

* * *

E prá quem pensou que ele nos abandonaria novamente, ledo engano: o Benito está conosco! Ele está agora zelando o Editorial, para dar espaço ao Destino, capa deste número. Esta fotografia foi tirada na Catedral de Berlim (Berliner Dom), Alemanha.

A Redação



ficha técnica

Spasmo!

Número 5, Agosto de 1998
Parte integrante do jornal O Patológico

Centro Acadêmico Adolfo Lutz
Faculdade de Ciências Médicas
Rua Roxo Moreira, s/n
Cidade Universitária Zeferino Vaz
CEP 13081-970

Distrito de Barão Geraldo - Campinas - São Paulo
Fone: (019) 788-8463 - Fone-Fax: (019) 289-3088

e-mail: caal@obelix.unicamp.br
caal@hospvirt.org.br

Diagramação e Editoração:

Rafael Vanini

Mateus M. Gomes

Setores Responsáveis:

Coordenadorias de Imprensa e Cultura & Social

Onde encontrar

Cantina do Bello, Instituto de Biologia - Unicamp

Aldir Livros - Faculdade de Ciências Médicas / Instituto de Biologia - Unicamp

Sedes Social e Administrativa do CAAL

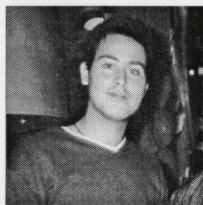
Agradecimentos

A todos aqueles que mandam textos a O Patológico / Spasmo!,
Cantina do Bello, Aldir Livros, Livraria Saraiva Mega Store,
Lince Gráfica e 100% Vídeo Locadora

ÍNDICE

Spasmo!
— Edição de Ouro —

Editorial	2
Crônica	3
Crítica	4
O Direito à Intoxicação	4
Poesias	6
Falácias	6
Cinema	8
CDs	9
Vídeo	10
Livro	11



FAST FOOD

- Bom dia
- Bom dia, eu gostaria de pedir ...
- O senhor gostaria de olhar o nosso cardápio?
- Não, não eu já escolhi o ...
- Porque a promoção do mês é o número quatro, que pagando mais oito reais e quarenta centavos o senhor leva uma camiseta e ...
- Mas eu não quero uma camiseta.
- O senhor pode dar de presente.
- Eu só queria um sanduíche.
- Qual deles?
- O número dois.
- São quatro reais e cinquenta centavos na promoção.
- Não, eu quero só o sanduíche.
- Mas a promoção o senhor leva batata frita.
- Eu odeio batata frita.
- Nesse caso, são dois reais e trinta e dois centavos.
- Certo, e eu vou querer também...
- Não era só o sanduíche?
- Para comer, mas para beber eu queria um suco de laranja.
- Laranja não temos, senhor.
- Mas ali tem um cartaz dizendo...
- Aquilo é só na compra da promoção número cinco.
- Nos demais, foi abolido o suco de laranja para promover um novo refrigerante de laranja.
- Não, eu quero suco.
- Mas se o senhor comprar a promoção cinco, leva um suco grande e uma batata grande.
- Eu já disse que odeio batata frita.
- Mas como o senhor não gosta de batata? É promessa?
- Ai, ai, ai ... Qual outro suco você tem?
- Maracujá, senhor.
- Me vê um médio.
- Certo. Acompanha um sundae?
- Nesse frio? Tá louca?
- Temos cobertura de maracujá, chocolate, morango e ameixa.
- Não, obrigado. Imagine só, ameixa ...
- E que tal uma tortinha de sobremesa?
- NÃO!!! Eu só quero o meu sanduíche e o meu suco.
- Tá bom. Ai ...
- O que foi?
- Eu digitei a torta.
- Mas eu não quero a merda da torta.
- É que o senhor ficou gritando e eu me assustei ...
- Então cancele.

- Eu não sei, comecei a trabalhar aqui na terça.
- Então chame alguém que saiba, ô diabo do meu ódio.
- Ele tá no horário de almoço, só volta às duas.
- Isso não pode estar acontecendo comigo ...
- Tem de maçã.
- O QUÊ?
- A torta ...
- Me vê essa coisa então. Quanto deu?
- Seis reais e quarenta e seis centavos.
- (...)
- O senhor não tem uma nota menor que cinquenta reais?
- Não, eu acabei de tirar do caixa eletrônico.
- É que eu estou sem troco, vou ter que dar o troco todo em moeda.
- Que maravilha ...
- Aqui está o sanduíche. E torta. Algum molho?
- Maionese e mostarda.
- Só tem catchup.
- Cadê o meu suco??
- Então, eu tinha esquecido que acabou o suco de maracujá.
- Me dê um guaraná diet.
- Diet não tem.
- Então um normal, caramba!
- Normal, normal ... Acabou, senhor.
- E o tal refrigerante de laranja?
- Ele é mais caro.
- Problema seu.
- Não, eu só posso trocar por um produto que seja do mesmo valor.
- Mas que coisa absurda. Isso é injusto.
- Não é injusto, o senhor pode trocar por qualquer produto, desde que seja do mesmo valor.
- Olha, eu já tô de saco cheio. Pelo amor de Deus, o que tem pelo mesmo valor?
- Batata frita, senhor.

Ronan, da XXXIII, é colaborador do Spasmo!



Crítica

O direito à intoxicação

O puritanismo reciclado é o responsável pela conversão do cigarro em grande satã contemporâneo

Eles - os cientistas, os médicos, os familiares, os amigos, em suma, os não fumantes - acham que fumar é um vício sujo cujo núcleo consiste em levar nicotina ao cérebro, propiciando um determinado tipo de reação físico-química. Eles estão por fora, os não fumantes, achando que cigarro é prosa. Cigarro é poesia. Fumar é apalpar em desespero o bolso ou a bolsa, até sentir a forma amada que nos acalma. É romper a película de celofane e amassá-la com pequenos estalidos. É puxar delicadamente o cilindro de papel, separando-o para sempre dos seus iguais. É produzir com as mãos essa beleza perecível e delicada: uma pequena chama. É saber-se forte, manuseando entre os dedos o objeto fálico, dócil, dútil. É saborear a suavidade cilíndrica entre os lábios. É sugar a fumaça, senti-la raspar a garganta, penetrar a traquéia, invadir os pulmões. É fechar os olhos e ficar em paz, com a benção dos deuses do fumo. É depois abrir os olhos, e soprar, soprar para cima, contemplar a fumaça que sobe, sobe, a vida que se desmaterializa numa nuvem azul - e novamente tragar. Fumar é um ritual. O cigarro tem uma cultura e uma história.

Quando se quer convencer alguém a abandonar o cigarro, não basta brandir argumentos médicos, denunciar os ganhos da indústria do tabaco à custa da saúde alheia. É preciso, ainda, desmontar as imagens inebriantes da cultura do cigarro. Das imagens, do discurso do fumo, fazem

parte Humphrey Bogart tragando no aeroporto de Casablanca, dizendo adeus para sempre a Ingrid Bergman, Jean-Paul Sartre fumando no Café de Flore durante o Maio de 68 parisiense, e Rita Hayworth, de piteira, exalando lascívia em Gilda. Emblemas da cultura do cigarro, Bogart, Sartre e Hayworth identificaram ao fumo comportamentos bem nítidos. Bogart, o machão de alma romântica, associou ao fumo o vício da solidão. Sartre, vesgo e baixinho, deu à fumaça uma aura de existencialismo, de pensamento e rebeldia. E Rita Hayworth associou para sempre cigarro a devassidão, maus costumes, erotismo. A mulher fatal fuma, assim como o aventureiro e o filósofo inconformista. O cigarro, assim, não é coisa de bocós que cultuam o corpo nem de mocinhas inocentes. É coisa de gente experiente. De gente que topa gastar o corpo rápido para melhor aproveitá-lo. Cigarro é coisa de pecadores. Daí o seu fascínio. A beleza do cigarro não é solar e saudável, racional e reveladora. É noturna, doente, suja, compulsiva, neurótica.

LÚBRICAS e VOLUPTUOSAS - Todos os que aprenderam a fumar escolheram um modelo no repertório dos cigarros, ao qual aderiram firmemente - muitos até o final de seus dias. É difícil, porém, determinar se foi a imagem que criou o estilo ou vice-versa. A figura insinuante de Rita Hayworth fumando remete ao ideal de

mulher dona de seu destino, proprietária de seu prazer. Lúbrica, no máximo ela o compartilha. É um sonho e um pesadelo masculino, aterrorizante e excitante ao mesmo tempo. Nada mais subversivo ao dogma puritano do que a luxúria invocada pela fumante. Outra *femme fatale*, a atriz francesa Brigitte Bardot, disse - antes de se meter nessa bobagem de querer salvar focas - que as três melhores coisas da vida eram um uísque antes e um cigarro depois. Com a vantagem, para o cigarro, que ele é uma droga mais leve que o álcool. Que o fumo excita e acalma, e nunca deixa ninguém bêbado.

É de subversão aos bons costumes que se trata, quando se fala em cigarros. É reação puritana, envernizada por teorias científicas, a grita histórica contra o tabaco nos dias que correm. O historiador americano Richard Klein, em seu livro *Os Cigarros São Sublimes*, ilustra esse fato ao mostrar que sempre que se lutou pela pátria, pela revolução, pela conquista de algum direito as nuvens negras do cigarro estiveram presentes. Um dos episódios mais célebres da independência americana, quando os colonos lançaram ao mar mercadorias taxadas em excesso pela coroa britânica, envolveu o tabaco, submerso em grandes fardos junto a lotes de chá, na chamada "Tea Party". Nas guerras, já o disse o general John Joseph Pershing, chefe da Força Expedicionária americana durante a I Guerra Mundial, o cigarro é tão



imprescindível no front quanto as balas, para ganhar a batalha. Nas barricadas de Maio de 68, França, durante a revolta dos estudantes e operários, o cigarro era companhia inevitável.

VITAMINAS E ACADEMIAS - Pode-se argumentar que a atmosfera fumacenta decorre da ansiedade que envolve o indivíduo nesses momentos cruciais. É apenas parte da verdade. A nicotina é poderoso lenitivo contra a angústia, sem ser um estupefaciente, como outras drogas. Mas, antes de assumir que todos os soldados de todas as causas não passam de vítimas de seus comandantes, que tal pensá-los como pessoas que resolveram dar-se ao luxo de morrer, física ou moralmente, pelo que acreditam correto? Nessa perspectiva, o cigarro ganha a dignidade de um companheiro insuperável, confidente mudo das abissais angústias. Só indivíduos que não ficam o tempo inteiro pensando em como preservar a própria saúde têm a coragem de enfrentar o inimigo que está na esquina. Quem pensaria, nessas circunstâncias, em vitaminas e academias de musculação?

Desconhecida na Europa até a descoberta da América, a planta de tabaco foi levada ao coração da civilização ocidental a bordo das caravelas de Cristóvão Colombo, em 1492. As mesmas caravelas que traziam a notícia de que o Velho Mundo era velho mesmo, que abriam horizontes nunca dantes perscrutados e que, por isso, escondiam mistérios além da imaginação foram as que inauguraram a Idade Moderna, ou também Era da Ansiedade, nas palavras de Richard Klein. Deus e a Santa Madre Igreja começavam a

despencar dos céus, que não eram - vem dessa época a prova - feitos de esferas concêntricas de cristal. Ansiedade demais. Humanidade demais. Coincidência das coincidências, as mesmas naus que enfrentavam a angústia do desconhecido levavam o paliativo da planta de tabaco, usada na América em rituais indígenas havia pelo menos 1 500 anos.

Os antibagistas de hoje usam argumentos sanitaristas para proscrever os fumantes. Julgam-se tributários dos avanços recentes da medicina e tentam a todo o custo evitar a pecha de moralistas, já lançada contra eles antes, quando insistiam em perseguir pelas ruas, aos gritos de "prostituta!, leviana!", as mulheres que fumavam. Mas é a mesma recusa ao prazer que faz com que o cigarro seja lançado no limbo dos infernos, transformado em grande Satã contemporâneo. Que faz com que se busque o sexo tão seguro que acaba por abolir o sexo. Que impede que alguém mergulhe sem culpa num belo prato de comida. Que lança anátemas contra quem se refastela numa rede, quando deveria estar malhando numa academia.

Fumar, nessa perspectiva, pode ser uma resistência à repressão, ao massacre dos impulsos organizado pela civilização. Uma resistência ambígua, pois feita de auto-aniquilação, de morte. O fumante, cada vez mais, sabe que o cigarro o está matando. "Enquanto o Destino me conceder, continuarei fumando", resiste o poeta Fernando Pessoa, sob a máscara de Álvaro de Campos, em *Tabacaria*. Sigmund Freud, em *O Mal-Estar na Civilização* (também conhecido no Brasil como *A*

Civilização e Seus Descontentes), em 1929, escreveu que "a vida, tal como nós a encontramos, é muito dura e disso decorrem descontentamentos e dores. Não passamos sem paliativos, substâncias intoxicantes que nos tornem insensíveis. Elas são imprescindíveis". Freud, fumante de vinte charutos por dia, charutos que o ajudaram a desenvolver o câncer no maxilar que o matou, sabia que o fumo era um desses paliativos, dessas substâncias intoxicantes que nos servem de apoio para atravessar a vida. Querer erradicar o cigarro é uma ilusão, é achar que a humanidade almeja o bom e o bem, racionalmente. E é, talvez, querer destruir aquilo que a humanidade tem de mais belo: a capacidade de criar um objeto que, injetando fumaça corpo adentro, nos ajuda a viver e morrer. Sem cigarro, é difícil aturar a realidade.

LAURA CAPRIGLIONE

Emblemas da cultura do cigarro: Lauren Bacal, John Lennon, Marlene Dietrich, Jean-Paul Sartre, James Dean, Franklin Roosevelt, Marlon Brando, Albert Camus, Rita Hayworth, Humphrey Bogart e Sigmund Freud

Retirado da revista Veja, editora Abril, Edição 1446, ano 29, número 22

Na Necessidade do Amor

I - Eu não posso esquecer seu rosto
Quando você estava indo embora
Quando eu estive lá
Você não conseguiu me ver
Você estava indo embora

Eu senti todo o amor do universo
/naquela noite

E as estrelas do céu
Se assustaram com o brilho dos meus
/olhos

Eles ardiam insandecidos
Minha cabeça, meu peito, meu corpo
/todo ardia insandecido

E aquele ardor me fez gritar todo o
/ar

Que eu não tinha em meus pulmões
Que saia da força da alma
E do choro do espírito

Meu grito acordou toda a terra
E a vida cantou em meu nome
Exausto prostrei-me no chão
O mundo temia e tremeu
E agora?
E depois...
?

II - Veio o vento para me consolar
Trouxe o perfume das flores pra me
/consolar
Trouxe o canto dos pássaros pra me
/consolar
Trouxe as nuvens de chuva pra eu
/desabafar

Chorei mais que a chuva
Uma tempestade eu fiz
E a chuva sequeu minha mágoa

III - O Tempo me trouxe a saudade
Que bordou em meu rosto o sorriso:
Lembrança-alfenim resgatando a
/doçura
Memórias de vidas que se
/completavam

O tempo me arrastou pro futuro
Onde sempre existem novas
/possibilidades

Onde eternamente se inicia o
/recomeço
Onde incessantemente se perde o
/passado

Onde reencontrei a mim mesmo
Onde me sinto livre

IV - E me vi novamente feliz

E encarei a luz novamente
Renasci

V - Desde então nunca mais retornei
Agora eu sei e posso lhe contar
Tudo que isso me traz de dor
Tudo o que descobri
Depois que você se foi...

E de repente quando hoje acordei
Tive imensa vontade de voltar lá

Não que eu quisesse ressuscitar
/mortos

Vingança ou reencontro
Não!

VI - É que ontem chegou a notícia
/dizendo

Que o calor do mundo
Pode se transformar em um
/momento mágico...

Que longe onde você está
Você sempre sorri
Mas em seus olhos a sua dor
/aparece

Nelson XXXV

FALÁCIAS

"Por fora, bela viola, por dentro, pão embolorado"
Cassio, XXXII, tentando repetir um ditado popular.

"Tudo começou com Zeferino Vaz..."
O mesmo, sobre a renovação do ensino no básico, em
reunião do CAAL.

"Volta o seguinte"
Dr. Benito, da neuro, coordenando a exposição de
slides no curso de diabetes.

"Introduz aí, cacete!"
Michel, XXXII, na reunião do CAAL, pedindo para
alguém colocar uma pauta.

"Há males que vêm para ABEM"
Henklain, XXXI, ...

"Ô, olha a pornografia com o meu negócio!"
Maura, XXXV, para Guilherme, XXXV, que brincava
com seu prendedor de cabelo.

"... talvez a célula já tivesse um mal-caráter."
Profa. Aparecida, da dermat, explicando sobre a
predisposição a tumores.

"Eu passei a noite toda com o Bilau ontem."
Priscila, XXXIII, pós-Skol Rock, com o Gian, XXXII

Gota de Mágoa

À noite, quando a luz se apaga,
é hora em que minha alma ascende
E cansada da prisão do dia,
se liberta como um turbilhão.
E sem saber como se comportar,
chega a esvaziar, de todo, o corpo
tornando-me pura carcaça
de um ser que sente e se cala.
Sei ser toda sentimento,
mas para muitos sou a racionalidade,
a auto-suficiência (e a frieza...)
Só no silêncio escuro do meu quarto
consigo deixar de lado minha imagem,
pra então aflorar minha essência
na forma de lágrimas mudas e pesadas
que mancham todo o travesseiro:
marcas de tudo que deixei de fazer,
nódoas de tudo que não ousei falar.
Queria deixar minha armadura de lado
e assim poder mostrar à luz do dia
que sou também um ser humano
e provar então a todo mundo
que firmeza não quer dizer frieza.

XXXIII

Tema Livre

A vontade
A palavra
O papel

Escrevo

A idéia
A cabeça
O coração

Escreve

O ar
O verso
A poesia

Respiro
- uma pausa -
Penso

À vontade
Escrevo.

Nelson XXXV

O Anjo e Eu

Esta pode vir a ser uma história de ficção. Mas também pode ter acontecido de maneira semelhante com você.

Acho que o ano era 1997. Acordei pela manhã junto com os primeiros raios de sol. Abri os olhos e senti algo diferente. Uma sensação de conforto, de leveza. Os últimos tempos não tinham sido dos melhores pra mim: dias atribulados, problemas na faculdade, brigas com meus pais, a separação. Bem, a separação já tinha sido há muito tempo. Restava a mágoa, o amor havia partido há muito tempo, se é que houve amor. Mas aquele "fantasma" ainda estava ali. Podia ser apenas uma impressão, ou apenas uma boa noite de sono. De qualquer forma, havia algo de diferente.

Enquanto tomava meu banho, fiquei perdido em minhas lembranças misturadas com meus pensamentos sobre o que deveria fazer ainda pela manhã. Aquela sensação me acompanhava e comecei a pensar comigo: Oras, por quê?". Em jejum, fui para a faculdade.

Confesso que até a hora do almoço não pensei muito no por que eu me sentia daquela forma. Foi mais ou menos naquela hora que apareceu.

Era um anjo. Eu nunca havia acreditado que poderia ver um anjo ali, bem na minha frente, Mas estava ali.

Tentei balbuciar alguma coisa, mas não conseguia. Engraçado é que aquela boa sensação aumentou quando me aproximei do anjo. O anjo sorriu para mim. E pelo resto da tarde, aquele anjo ficou ao meu lado. O anjo só foi embora ao cair da noite. E quando desapareceu, fiquei com saudades. Nunca tinha visto aquele anjo.

Vi o anjo no dia seguinte. Estava ali sorridente e aquele sorriso me trazia paz. Me enchia de alegria. De alguma forma, me fazia feliz. E fiquei ao lado do anjo o dia inteiro. E foi assim no dia seguinte, e no seguinte, e no seguinte. Eu gostava de estar ao lado do anjo. Queria sempre que o anjo estivesse ali, perto de mim. Que eu pudesse causar alegria a este anjo e que fosse alegrado também. Apaixonei-me pela idéia, pela companhia do anjo e é claro, pelo anjo.

Disse ao anjo tudo o que sentia. Declarei meus sentimentos pedindo que sempre ficasse ao meu lado. O anjo sorriu e concordou. Sempre estaria ali. Confesso que, naquele instante, fiquei com medo que um dia o anjo saísse de minha vida. Mas eu sabia que o anjo também estava feliz. E eu havia encontrado a felicidade. Mas ainda não sabia disso.

O tempo passou e o anjo estava sempre ao meu lado. Em casa, na faculdade, nos passeios, nas festas. E sempre que o anjo estava próximo de mim, eu era preenchido por aquela mesma sensação de conforto e leveza que senti no

primeiro dia que conheci o anjo. Eu estava amando aquele anjo.

Eu e o anjo fomos muito felizes, mas um dia, não me lembro porque, brigamos e nos machucamos. Ferido, o anjo chorou. Nunca mais me esqueci daquele rosto que chorava. O meu anjo estava chorando e eu queria morrer por ter maltratado e machucado o meu anjo.

Chegamos a nos reconciliar mas as coisas nunca mais foram as mesmas. Eu via o anjo triste, sem o mesmo sorriso de antes. E eu, perdido e desesperado, já não sabia mais o que fazer. Eu só queria o meu anjo de volta. Eu queria ver o anjo feliz.

Já havia se passado pouco mais de um ano desde que vi o anjo pela primeira vez. O anjo permanecia ao meu lado, mas não mais constantemente. Sua presença só era constante em meus sonhos. Mas, eu sempre acordava chorando. Pois ao despertar, eu sabia que o anjo não estaria ali do meu lado. O anjo havia mudado minha vida e me tornado uma pessoa melhor. E desde então eu sabia que seria eternamente grato por isso. Eu amava o anjo e tudo o que eu queria agora era ver o anjo feliz. Sempre. Mesmo que isso custasse minha própria felicidade.

Foi numa noite de abril. Tive um sonho lindo. Nele estava o anjo. Algo sobre o futuro. O anjo sorria e dizia me amar para sempre. Acordei de madrugada e procurei pelo anjo. Mas não estava mais ali. Fui ao banheiro lavar o rosto (eu acordei chorando). Então olhei ao lado do espelho e vi um bilhete preso à parede e escrito com minha caligrafia. A data era do dia 25 de abril, ou seja, o dia seguinte. O engraçado é que eu sabia que não havia escrito aquilo, mas estava ali, com minha letra e assinatura; e dizia:

"Se você a ama de verdade, deixará ela ser feliz. Seja isto do seu lado ou não. Em qualquer ocasião, ame-a muito e a faça feliz. Deixe-a sorrir e crescer. Pois este é o verdadeiro amor. Ame-a de verdade."

Pouco depois, o anjo saiu do meu lado. Brigamos muito e sofri demais com sua ausência. Mas isto já foi há algum tempo. E sinto muitas saudades do tempo que estava ao lado do anjo. E nunca mais senti aquela sensação. A não ser em meus sonhos. Quando o anjo está ali.

Ah! Já ia me esquecendo... este anjo era uma mulher. A mulher que mais amei na minha vida. A mulher que me tornou melhor e que me fez compreender o verdadeiro significado de amar e querer a felicidade de alguém.

Sinto falta dessa mulher... eternamente meu anjo.

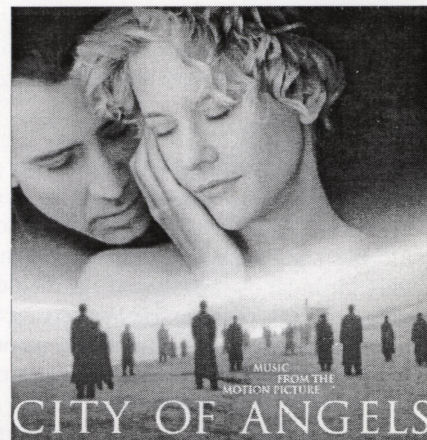
Ricardo da Cruz Marques (*Trinta e... ora, quem se importa?*)

Filmes

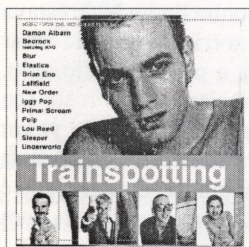
CINEMA

Los Angeles é a cidade dos anjos, como sugere o nome em espanhol. Uma adaptação da espetacular obra-prima de Wim Wenders, *City of Angels* é uma das melhores pedidas prá cinema da temporada (em cartaz desde a 1ª quinzena de julho), guardando o tema central original da película pioneira que narra a história de um anjo que vive em Berlim, Alemanha (*Wings of Desire - Asas do Desejo*, o título em português). Talvez sem o mesmo lirismo da primeira versão, e infelizmente sem a mesma sensibilidade extraordinária do então diretor, *Cidade dos Anjos* (dirigido por

Brad Silberling) traz Meg Rian e Nicolas Cage em atuações divinas - sem o trocadilho - num filme quase "cult" e que vale a pena conferir, sem dúvida. Junto com este ótimo filme, também podemos curtir uma trilha sonora digna de tal, que conta com músicas escolhidas a dedo prá agradar jogadas de marketing e lembrar o espectador das melhores cenas do filme, como devem ser lembradas. Já a trilha sonora mais vendida da história da música brasileira, desde seu lançamento, traz músicas de U2 (que sempre trabalhou com Wim Wenders), Alanis Morissette, Eric



Clapton, John Lee Hooker, Jimi Hendrix e Goo Goo Dolls, com *Iris*, uma das músicas de maior "audiência" atualmente nas rádios, dentre outras.



Prá quem assistiu *Trainspotting* e gostou...
Prá quem assistiu *Cova Rasa* (*Shallow Grave*) e gostou... Tem que conferir, sem sombra de dúvida, o mais recente

trabalho do mais famoso e cult diretor inglês da década: *Por Uma Vida Menos Ordinária* (*A Life Less Ordinary* exibido em algumas salas também com o título de *Por Um Sentido Na Vida*). Neste filme, de novo a dobradinha do diretor Dany Boile e o roteirista John Hodge, como nos outros, exploram mais uma vez o talento indiscutível de Ewan McGregor, o branquelo dos mesmos filmes anteriores dos quais também foi protagonista. Com o senso de humor, crítica ácida e sarcasmo escorrendo pelos cantos da tela, ele consegue (tanto o diretor como o ator) inserir até um tom de comédia romântica neste filme que promete ser uma das melhores pedidas deste ano. Além de

contar com excepcionais atuações como as de Holly Hunter, de *O Piano*, e de Iam Holm como espécies de "anjos-da-guarda" ainda tem como destaque a "arrasa-quarteirão" Cameron Diaz, responsável junto com o parceiro pelos melhores momentos do filme. Na contramão de todas as atrizes bonitas hollywoodianas que precisam provar que são boas acima da beleza (com a onda de "enfeimento" das mesmas, desde os horrorosos cabelos raspados de Demy Moore até Sharon Stone sem maquiagem e com um penteado "briga de galo"), esta loiraça descendente de latinos não tem o mínimo pudor de usar e abusar de sua beleza para valorizar e crescer em seus papéis, como em *O Máskara* e *O Casamento Do Meu Melhor Amigo*. Melhor pro sucesso dela, melhor para seus filmes: melhor para nós!

CDs LANÇAMENTOS

Shelter

Saudades dos tempos em que as festas não eram recheadas de sons de raios laser ultra-mega eletro-eletrônicos e vozes tremidas andróides? Se você quer curtir um som dançante e "light", fugindo de "poperôs", tem que colocar na sua festa *Shelter*, o mais novo lançamento de *The Brand New Heavies*. Esta é uma banda inglesa formada em 1.983 e que no início era um trio de funk instrumental. Só depois, na década de 90 que começaram a aparecer, já com vocais, com a cantora N'Dea Davenport. Em 95 participaram do Free Jazz Festival, e fizeram a platéia dançar do começo ao fim. Com este novo trabalho, a voz fica por conta de uma nova cantora, Siedah Garrett, que já foi backing vocal de Madonna e Michael Jackson, mas com o mesmo funk-disco-hiphop de sempre. Todas as músicas são boas, mas as principais são *You Are the Universe*, *Highest High*, *Last to Know* e *You've Got a Friend* (versão da música de Carole King, conhecida na voz de James Taylor).



Siderado

Você pensou em Skank, pensou em *Garota Nacional*? Pensou errado. Pelo menos, é o que acham os integrantes desta banda mineira que gostariam de marcar história com a faixa três deste novo CD, lançado há cerca de um mês atrás, com o título de *Siderado*. Com *Resposta*, uma das músicas mais ouvidas em todo canto a toda hora, a banda está emplacando este trabalho cheio de tudo o que Skank sabe fazer de melhor: boa música, bom reaggae. Com a mesma linha de *Calango* e *Samba Poconé* (e um pouco de *Skank*, o 1º álbum), eles provam que não precisa virar a casaca prá manter a qualidade (o que geralmente não ocorre). Com músicas na medida certa, como *Romance Noir*, *Siderado*, *Mandrake* e *os Cubanos* e *Saidera* (além de *Resposta*), *Siderado* é o tipo de CD que não pode faltar na estante de quem gosta de MPB/pop. É só colocar e curtir.



PURO ÊXTASE

"Toda brincadeira não devia ter hora prá acabar". E não tem mesmo. Não se você colocar no seu Cd player este mais recente álbum do Barão Vermelho, *Puro Êxtase*, que tem com a música-título um dos maiores sucessos de ultimamente nas rádios e canais de comunicação especializados em música. Reciclando totalmente o estilo que fez do Barão, desde os tempos de Cazuzu, uma banda com apelo rock-protesto, este álbum acaba se tornando o mais original da banda dos últimos tempos. Sem medo de inovar, mais com muita competência e

arte, invadem as pistas de dança dos bares e casas noturnas mais bem freqüentadas do país e as casas dos pais de família... (Frejat, vocalista da banda, diz que seu filho caçula não pára de pedir para ouvir a faixa *Puro Êxtase* que diz exatamente que as brincadeiras não deviam terminar) Com músicas muito bem-elaboradas e letras sacadas geniais, como *Por Você*, a mais recente tocando pelo país, fazem um som jóia, inteligente, e principalmente, dançante. Prá Barbie e Bet Boop nenhuma botar defeito.

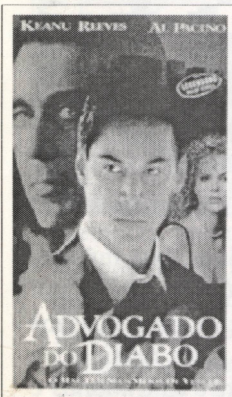
Cidade dos Anjos

Como já foi falado, conta com a participação de nomes de peso da música mundial e é responsável pela maior vendagem em se tratando de trilhas sonoras na história do país. Válido inclusive prá quem não assistiu o filme, pela qualidade da coletânea.

Os CDs aqui citados podem ser encontrados na loja Saraiva Mega Store do Shopping Iguatemi de Campinas.

O Advogado do Diabo*

É quase impossível não apreciar este filme. Esta preciosidade, vale, de princípio, só pela atuação de Al Pacino, que em uma entrevista para uma rede de TV norte-americana, chegou a comentar que este foi o papel mais difícil de sua vida. Como sempre, fazendo o tipo de coisa que ele mais gosta de fazer e como e melhor o sabe ser ele mesmo dá uma aula de perfeição em atuação cinematográfica. O roteiro é impecável, a história brilhante, a fotografia excelente e as atuações do elenco compatíveis com o nível de qualidade da obra. Keanu Reeves interpreta um advogado novato do interior que nunca perdeu um caso e é convidado para trabalhar numa firma de primeiro porte de Nova York. Lá, é posto em contato com os aspectos mais obscuros de seu inconsciente-subconsciente, nos carregando numa viagem alucinante e corrosiva que mastiga alguns dos conceitos cristãos mais "arraigados" num país latino. A atuação de Charlize Theron, de 21 anos, é excepcional (inclusive ela, diga-se de passagem) como a mulher de Reeves, e o final é absurdamente surpreendente.



O Casamento do Meu Melhor Amigo

Julia Roberts, depois de uma infundável série de quase fracassos em papéis intimistas e profundos como em O Diário de Mary Reilly ou bestalhões como em O Dossiê Pelicano e Peter Pan, no qual interpreta a fada Sininho, volta a brilhar naquilo que a consagrou no começo do estrelato, quando foi a protagonista de Uma Linda Mulher: o gênero que está em voga ultimamente (é barato, fácil de fazer - só precisa ter uma história água-com-açúcar - tem uma plateia cativa e rende milhões de dólares geralmente), a comédia romântica. Às vésperas de completar 28 anos, Julliane Porter, uma crítica de restaurantes interpretada por Julia, descobre que seu ex-namorado e atual melhor amigo vai se casar e precisa repensar seus sentimentos em relação a ele. Conta com as atuações brilhantes de Rupert Everett, como o amigo

JULIA ROBERTS O CASAMENTO DO MEU MELHOR Amigo



homossexual George que está sempre presentes nas enrascadas de "Jullie" (ex-homossexual assumido militante na vida real, hoje namorado de Julia Roberts), e rouba a cena sempre quando aparece; e de Cameron Diaz, a atual mulher fatal da indústria cinematográfica americana como a provável esposa, filha de milionários e que resolve abdicar de sua vida fácil em função de seu amor. Recheados de momentos e situações divertidíssimas, tem com Julia na personagem "anti-herói" a confirmação de seu talento. A trilha sonora concorreu ao Oscar e o filme levou os prêmios de Melhor Atriz e Melhor Ator Coadjuvante no Festival de Cannes. O melhor momento fica por conta de Everett, quando Dione Warick, a tia da pegunta Witney Huston é "ressuscitada" através da canção I Say A Little Prayer, lema do canal esotérico americano Psyche Friends Network. Sessão da tarde de luxo, como Uma Linda Mulher.

O Gênio Indomável*

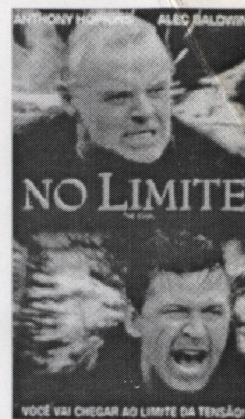
Dirigido pelo polêmico Gus van Sant, este filme tem roteiro de Matt Damon e Ben Affleck, dois jovens atores que protagonizam o mesmo e foram responsáveis pela indicação do diretor. Conta o drama de Will Hunting (Damon), um "garoto-problema" pobretão, dotado de super inteligência, que é descoberto lavando corredores do Instituto de Tecnologia de Massachusetts. Com graves problemas de relacionamento, vive sempre apoiado em seu melhor amigo Chuckie (Affleck), o brucutu que ele tem como a um irmão. Para se livrar de encrencas em que vive se metendo, tem sua chance ao se confrontar com um psiquiatra interpretado por Robin Williams, ganhador do Oscar de melhor ator coadjuvante pela brilhante interpretação. O filme também ficou com outro prêmio de melhor roteiro original (pela dupla de roteiristas) e concorreu a outros como o de melhor atriz coadjuvante pela atuação de Minnie Driver, hoje atual namorada de Damon. De relevante sensibilidade, acentuada pela mão de Gus van Sant, tem um valor artístico e algo de filosófico. A trilha sonora reflete com intimismo a idéia do filme.



No Limite*

Se você gosta de suspense com "s maiúsculo" e precisa ficar um pouco tenso, se livrar de todo aquele relaxamento que você vem acumulando ultimamente; nada melhor que este filme dirigido por Lee Tamahori, com Alec Baldwin e Anthony Hopkins. Revela até onde o homem pode chegar por sobrevivência, até onde nossos instintos superam nossa consciência e porque vale a pena ou não! se submeter ao

seu "melhor inimigo". Totalmente aderente, te trava na poltrona até o último instante, deixando uma matilha de dúvidas circulando na sua cabeça e fazendo com que você pense duas vezes antes de querer tirar fotografias quase no Pólo Norte! Além de todo o necessário para um ótimo filme de suspen-se/aventura, também conta com a presença da lindíssima Elle Mcpherson, estupidamente 'morna' no papel da mulher de Hopkins. Você realmente chegá lá.

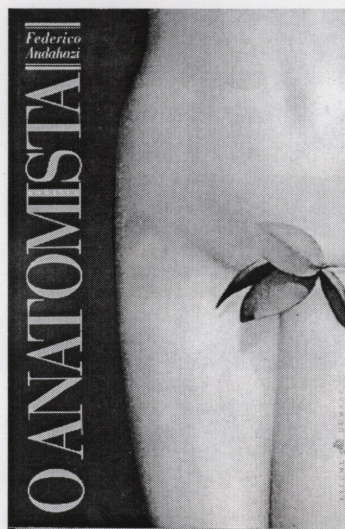


os mais alugados

- O Advogado do Diabo
 - O Chacal
- Medidas Desesperadas
 - Sete Anos no Tibet
 - Beijos que Matam
 - Força Aérea Um
- O Casamento do Meu Melhor Amigo
 - No Limite
- Los Angeles Cidade Proibida
- O Mundo das Spice Girls

(Pesquisa realizada nas maiores redes de vídeo de São Paulo, entre os dias 10 e 16 de Agosto de 98)

* - Os vídeos citados nesta sessão podem ser encontrados nas lojas da rede 100% Vídeo Locadora.



O herói deste romance é Mateo Colombo, um anatomista do Renascimento que, apaixonado por uma prostituta veneziana, Mona Sofia, sai em busca de algum tipo de poção que lhe permita conquistar o seu amor. O anatomista dá início, assim, a árdua exploração da misteriosa natureza das mulheres. Nosso herói é um verdadeiro pioneiro: com sua audácia, resolve fazer experiências com prostitutas e, o que era totalmente proibido em sua época, com dissecação de

cadáveres. O que Mateo Colombo encontra em pleno século XVI é, tal como a América fora para seu homônimo, uma "doce terra encontrada": o *Amor Veneris*, equivalente anatômico do *kleitoris*, até então desconhecido no Ocidente.

Uma nobre senhora castelhana, Inês de Torremolinos, é quem lhe demonstra o poder de sua descoberta. Quando tenta torná-la pública, Colombo tem que se enfrentar com outro poder: o da impiedosa Inquisição. A partir daí, ele se vê envolvido em um processo vertiginoso.

Federico Andahazi construiu um romance apaixonante a partir da história de um dos médicos mais destacados do Renascimento. Recriou a época não só em seus costumes, mas em seu sistema perverso de pensamento. O autor imprime um ritmo firme ao relato, assim como um impecável domínio da intriga - sem eludir o humor e a ironia - que tornam *O anatomista* uma leitura indispensável. Andahazi nasceu em 1963 na cidade de Buenos Aires. Seus contos conquistaram inúmeros prêmios literários, e *O anatomista* - seu primeiro romance - foi finalista do prêmio Planeta e conquistou o primeiro prêmio da Fundação Amalia Lacroze de Fortbat, em 1996.

CANTINA DO BELL



Instituto de Biologia - UNICAMP

**ALDIR
LIVROS**

Livros

Nacionais & Importados

FONE/ FAX

289 3088



Materiais para Escritório e Laboratório

Livros Especializados para Medicina, Enfermagem e Odontologia

Faculdade de Ciências Médicas e Instituto de Biologia - UNICAMP